

IV-194-7-35

BIBLIOTHECA
DA LIVRARIA DO POVO.



CASTIGO DE UM ANJO

LIVRO PARA CRIANÇAS
OBRA DIVINA, PIEDOSA E CHEIA
DE VIRTUDE BASEADA NAS
PALAVRAS DE CHRISTO,
AMAI-VOS UNS ADS OUTROS.
POR

FIGUEIREDO PIMENTEL

Rio de J

LIVRARIA
QUARESMA & C

65 e 67, RUA D

IV
194
7
35

O CASTIGO DE UM ANJO



SEXTO VOLUME

DA

BIBLIOTECA INFANTIL

BIBLIOTECA INFANTIL

DEDICADA ESPECIALMENTE AS CRIANÇAS

DIRIGIDA PELO PROPRIO AUTOR

Figueredo Pimentel

Já se acham publicados e estão á venda os seguintes volumes desta interessante e utilissima coleção:

OS MEUS BRINQUEDOS — o melhor e mais encantador livro para crianças, que existe em lingua portugueza, unico no seu genero. Contem inumeras cantigas para adormecer no berço; brincadeiras e divertimentos para todas as idades; jogos de prendas e sentenças; e peças proprias para serem representadas por meninos e meninas, em casa, nos collegios e em teatrinhos particulares: tudo acompanhado de centenas de gravuras explicativas..... 4\$000

TEATRINHO INFANTIL — esplendida coleção de monologos, dialogos, scenas-comicas, dramas, comedias, operetas, etc. (em prosa e verso), proprias para serem representadas por crianças, dispensando-se de despesas com scenarios, vestimentas e caracterisação..... 5\$000

ALBUM DAS CRIANÇAS — excelente obra encerrando muitissimas poesias dos mais celebres e modernos autores, destinadas á infancia, proprias para serem recitadas em salas, nos collegios, em teatros, etc. ensinando as crianças a declamar e se desembaraçar..... 4\$000

O CASTIGO DE UM ANJO — delicioso e moralissimo conto original do grande escriptor Leão Tolstoi, comovente e sentimental, baseado na maxima christã: *Amareis uns aos outros*, obra divina, piedosa e cheia de virtude..... 2\$000

CONTOS DA CAROCHINHA — com 61 contos..... 4\$000

HISTORIAS DO ARCO DA VELHA — com 60 contos..... 4\$000

HISTORIAS DA AVOSINHA — com 50 contos..... 4\$000

HISTORIAS DA BARATINHA — com 70 contos..... 4\$000

Estes quatro ultimos livros contêm esses contos que todos nós ouvimos em pequeninos, contados por nossas mãis, velhas avósinhas, tias, madrinhas, amas, etc. etc., contos popularissimos, moraes e piedosos, que sabem as crianças todas de todos os paizes. São narrações de fantasia onde ha fadas, lobishomem, genios misteriosos, almas falantes, bruxas, feiticeiros e encantamentos, mas em linguagem simples, incutindo sempre a idéa do bem e da virtude.

Cada livro fórma um grosso volume de 82o a 400 paginas, com milhares de vinhetas e gravuras, impresso em papel de boa qualidade, tipo novo e letras de fantasia, encadernado, e sempre com a mesma capa litografada a cores.

Este aviso torna-se indispensavel, devido ás imitações que se têm feito da nossa coleção para crianças. Assim, peça-se sempre a Biblioteca Infantil, tendo-se o maximo cuidado na capa.

«Biblioteca Infantil» da Livraria do Povo

O

CASTIGO DE UM **A**NJO

LIVRO PARA CRIANÇAS

POR

Figueiredo Dimentel

AUTOR DOS

*Contos da Carochinha, Historias da Avósinha,
Historias da Baratinha, Os Meus
Brinquedos, Album das Crianças,
Teatrinho Infantil, etc., etc.*


RIO DE JANEIRO

Livraria do Povo — QUARESMA & C. — Livreiros-Editores
65 e 67 — Rua de S. José — 65 e 67

1897

IV-194-7
-35

Typ. MONTENEGRO — Rua Nova do Ouvidor ns. 12 e 14

 3.563.598
33/11/2018



Figueiredo Cinquent


AOS

PEQUENINOS

CUSTODIO E OLGA

FILHOS DO SR.

Pedro da Silva Quaresma



AO LEITOR

Prefaciando este mesmo livrinho diz o príncipe Bojidar Kargeorgevitch, que o traduziu do russo para o francez :

« O conde Leão Tolstoi, si não é o chefe da evolução neo-cristã da literatura, nestes ultimos tempos, é pelo menos um dos seus principaes promotores.

O autor de tantas obras primas, cançado um dia deste « mundo », cujos mais intimos recantos analysou, pintou, esquadrinhou, retirou-se para Jasnaia Poliana, onde, a principio, pareceu re-

nunciar ás letras para se dedicar a trabalhos manuaes.

Felizmente, porém, veiu-lhe o desejo de contribuir para a educação das crianças de sua aldeia, e para ellas escreveu pequenas lendas, narrações curtas e simples, das quaes a moral se desprende, como o perfume de uma flor.

Essas historietas foram espalhadas aos mi-
lheiros, em brochurasinhas modestas, mal im-
pressas, em máo papel, ilustradas com mais
boa vontade do que com arte.

Vendiam-se, todavia, conforme o desejo de Tolstoi, a dez kopeks, ou cerca de um tostão. »



Foi por isso que nos lembrámos de oferecer ás crianças brasileiras esta pequenina obra prima da literatura russa.

De acôrdo com os srs. Quaresma & C. a edição deste folheto será de avultadissimo numero de exemplares, que se venderão pelo mais baixo preço possivel, de modo a ficar ao alcance de todos, e, assim, espalhar-se profusamente esta obrinha, deliciosa e encantadora.

Um outro motivo ainda levou-nos a emprender a presente tradução.

E' fazer conhecido o admiravel prefacio no qual Tolstoi expendeu a sua opinião competentissima de mestre e chefe sobre os livros para crianças.

As obras da *Biblioteca Infantil*, que temos

publicado, já nos valeram a acusação de estragarmos a infancia, incutindo nos cerebros juvenis a falsa e perniciosa idéa de que os animaes falam, e que ha bruxas, fadas e genios.

Entre outras, lançaram-nos essa acusação os nossos ilustrados colegas Valentim Magalhães e Ferreira da Rosa, ambos jornalistas e professores abalisados.

Defendemo-nos com o seguinte prefacio de Leão Tolstoi :



« Raças de viboras, como podeis falar cousas boas,
« sendo mãos? a boca fala aquillo de que está cheio
« o coração.

« O homem bom do bom tesouro tira boas cousas,
« mas o homem máo do máo tesouro tira más cousas.

« E digo-vos que de toda a palavra ociosa que fallarem os homens, darão conta della no dia do Juizo.

« Porque pelas tuas palavras serás justificado, e pelas tuas palavras serás condemnado. »

S. MATEUS XII.

Esta historieta foi feita com o fim de ser util aos leitores.

Escrevemol-a segundo a palavra de Cristo — o que nos faz crer que ella é boa e veridica.

Muitas pessoas, principalmente as crianças, ao lerem uma historia, uma fabula, um conto ou uma lenda, perguntam, antes do mais, si as cousas que ahi se descrevem são verdadeiras; e, muitas vezes, vendo que o que lêm não podia ter acontecido, dizem que ellas não passam de palavras ôcas.

•

Quem pensa dessa fôrma não pensa com acerto.

Não se adquire a verdade sabendo-se como um caso se passa, como se passou e como se passará.

Só adquire a verdade quem aprende o que deve succeder futuramente, consoante a vontade de Deus.

Não é descrevendo uma cousa tal como ella é, que se descreve a verdade.

Só escreve a verdade quem mostra o bem que os homens fazem ; isto é, aquilo que elles fazem de acôrdo com a vontade divina e o mal, isto é, aquilo que é contra a vontade do Senhor.

Os livros são bons e necessarios não quando descrevem o que se passou, mas o que deve pas-

sar-se, não quando contam o que os homens fizeram, mas quando apreciam o bem e o mal.

O universo reside no mal e nas tentações.

Si descreveres o universo tal qual é, em tuas palavras só haverá muitas mentiras e pouca verdade.

Ha muitissimos livros nos quaes se fala literalmente do que aconteceu ou podia ter acontecido.

Esses livros, porém, são mentirosos, quando quem os escreveu não sabe por si mesmo o que é bom e o que é mau.

Sucede que nos contos, nas parábolas, nas fabelas ou nas lendas se escrevem cousas maravilhosas que jamais ocorreram; e taes lendas ou

•

contos são a verdade porque mostram no que consiste a vontade de Deus.

Ha livros, ha muitos e muitos desses romances, nos quaes se descreve de que maneira um homem vive pelas suas paixões, se atormenta, atormenta os outros, corre perigos, enfrenta a necessidade, luta pela astucia com os outros homens, se livra da pobreza, e, finalmente, se une ao objeto do seu amor e se torna celebre, rico e feliz.

Tal livro, si tudo estivesse descrito ao pé da letra; si não houvesse imverosimilhança alguma, não passaria, entretanto, de erro e mentira : porque um homem vivendo por si só e suas paixões, por mais formosa que seja sua mulher, por mais rico e celebre que elle seja, não póde ser feliz.

•

Eis aqui uma lenda :

Jesus e seus apóstolos entraram em casa de um rico, e o rico não os deixou entrar ; então, entraram em casa de uma viúva, que os recebeu.

Ora, Jesus mandou levar um tonel de ouro ao rico, e mandou que um lobo fosse á casa da viúva comer o seu ultimo bezerro: e, comtudo, a viúva ficou contente e o rico ficou triste.

A viúva tinha no seu pasado ações caridosas, e o bem que dellas lhe provinha ninguem lh'o poderia tirar ; o rico havia guardado na consciencia o dissabor pela sua má ação : e o tonel de ouro lhe não bastava para de si tirar o dissabor que a sua má ação lhe causava.

Esta historia é inacreditavel do principio ao fim, pois nada disso aconteceu, nem podia ter acontecido.

Todavia, ella é verdadeira no conjunto, pois indica o que sempre deve succeder; em que consiste o bem e o mal; e para onde o homem deve inclinar-se afim de cumprir a vontade divina.

Tudo quanto se escreve — animaes que falam como gente; tapetes que voam e transportam pessoas; lendas; parábolas; contos— tudo isso será verdadeiro, si nos escritos houver a verdade do reino dos céos.

O proprio Christo falava por parábolas; e as parábolas tornaram-se verdades eternas.


Unicamente elle acrescentava:

— Tomai sentido no vosso modo de ouvir.»



Traduzindo este prefacio que ahi fica, bem como todo o conto, achámos conveniente suprimir muitos trechos, transcendentalmente filosoficos, pouco ao alcance das pessoas ás quaes o livrinho é destinado, e procurámos adaptal-o, tanto quanto nos foi possivel, ao nosso meio e costumes, mudando tambem os nomes dos personagens, de modo a não oferecer a menor dificuldade.

Damos esta explicação para evitar os comentarios da critica.





NICOLAU era um pobre sapateiro que morava com sua mulher e filhos na cabana que um lavrador lhe cedera por esmola, porque elle não possuia nem casa, nem terras, nem quaesquér outros bens

A familia vivia do produto da pequenina sapataria; mas como os generos estavam caros e a obra se vendia

barato, o dinheiro apurado servia apenas para a pobre gente não morrer de fome.

Para se abrigarem do frio, e durante a noite, o sapateiro e Catarina, sua esposa, só tinham uma coberta, assim mesmo muito velha, usada, toda em farrapos.

Já havia dois anos que tencionavam comprar fazenda, afim de se fazer uma nova.

Para isso, conseguiram ajuntar algum dinheirinho; e devendo varios freguezes o pagamento de sapatos encomendados, Nicolau resolveu ir compral-a.

Uma manhã, ao romper do dia, escuro ainda, tendo vistido a roupa melhor e mais agasalhada que tinha, cortou um pau no mato, para servir de bengala, e poz-se a caminho. Ia pensando na sua vida, e fazendo as contas do que compraria com o pouco dinheiro que levava e o que deveria receber.

~~~~~

Chegando ao povoado, dirigiu-se a todos os seus devedores, casa por casa.

Não conseguiu, porém, cobrar um unico vintem siquer, porque diversos freguezes não estavam nesse dia, e outros alegavam grandes transtornos e necessidades, declarando que não podiam pagar daquella vez.

Nicolau lembrou-se de comprar a credito a fazenda que precisava, mas o dono da loja negou-se a vender fiado.

Em vista de tantas contrariedades, o infeliz sapateiro resolveu voltar, ja que lhe era impossivel realizar qualquer negocio.

Para disfarçar o aborrecimento, entrara numa venda e bebêra um copo de cachaça.

Por isso sentia-se quente, um pouco animado, gosando interiormente de um certo bem-estar, não obstante o intenso frio que fazia.

•

De volta, Nicolau seguia pela estrada, apoiando-se no páo, a pensar na sua existencia atribulada, e sobretudo no aborrecimento de Catarina quando o visse chegar sem as compras.

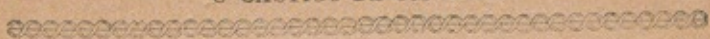
Ia anoitecendo pouco e pouco.

De subito, na curva do caminho, junto de uma pequena capela que ali havia, o sapateiro avistou um vulto deitado — branco, muito branco, alvo como a neve — não podendo, porém, distinguir o que poderia ser.

Seria um animal? um bebado caído? uma pessoa doente que não pudesse mais andar? um malfetor, esperando alguém para mata-lo e rouba-lo? um homem assassinado?

Nicolau começou a pensar em tudo isso, ao passo que continuava a caminhar.

Passou adiante, sem fazer caso, mas retrocedeu logo após.



Tinha bom coração.

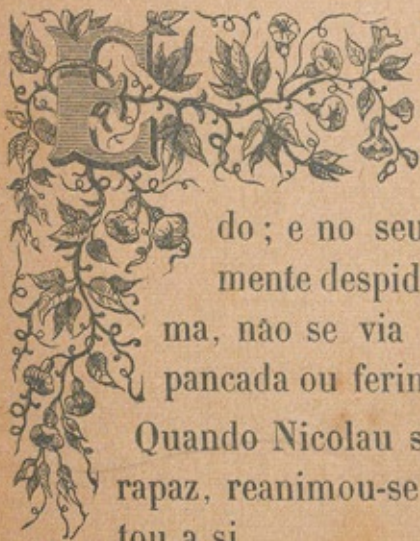
Lembrou-se que podia ser um infeliz, enfermo ou moribundo, necessitando de socorro.

Aproximou-se do vulto.





## II



ERA um homem, moço ainda, na força da idade.

Estava desmaiado; e no seu corpo completamente despido, sem roupa alguma, não se via o menor sinal de pancada ou ferimentos.

Quando Nicolau se achegou d'elle o rapaz, reanimou-se de repente e voltou a si.

O sapateiro tirou a japona e os sapatos, e vestiu o moço, com toda a paciencia, empre-



gando o maior cuidado possível, porque elle parecia entorpecido pelo frio.

Tendo acabado disse-lhe :

— « Vem comigo, camarada. Poderás por acaso andar sósinho ? »

O joven olhou ternamente para o outro, mas não pode falar.

Todavia poz-se de pé, embora com difficuldade, e começou a caminhar, conseguindo depois mover-se com desembaraço.

Seguiram os dois, lado a lado, pelo caminho, e Nicolau entabolou conversa :

— « Donde és tu, camarada ? »

— « Não sou d'aqui. »

— « Isso sei eu. porque conheço toda a gente cá da terra. Como foi que caiste perto da capela ? »

— « Não posso dizel-o. »

— « Provavelmente algumas pessoas te fizeram mal. »

— « Ninguém me fez mal. Deus castigou-me. »

— « E' verdade: tudo vem de Deus. Entretanto, fosse como fosse, necessitas ir para qualquér parte. Para onde vais ? »

— « Não tenho destino. Qualquér lugar é-me indiferente. »

O sapateiro admirou-se com aquella resposta: o desconhecido não tinha o ar de um homem máo, e sua voz era suave.

Comtudo, não insistiu, e continuou :

— « Então, vem para minha casa. Ahi restabelecer-te-às. »

E nada mais disse, seguindo viagem ao lado do moço, a reflectir nos sucessos daquelle dia.

Saira de casa para receber dinheiro e fazer compras, e voltava com as mãos abanando, trazendo ainda por cima um hospede, tão pobre, que nem siquér estava vestido.



Que não diria Catarina, ao vê-los chegar ?

Mas, contemplando o extranho, lembrou-se do olhar que lhe lançára na capela, e sentiu o coração pulsar dentro do peito.





### III

**A**TARINA percebeu de longe que o marido havia bebido.

Ao avistal-o, com as mãos vasias, sem japonsa e sapatos, em companhia do mancebo, pensou: — « Nicolau bebeu todo o dinheiro que recebeu, em algum botequim, com este vagabundo que o acompanha ! »

O sapateiro notou logo que a mulher ficára de mau humor, mas fingiu que não comprehendêra.

Voltou-se para o joven :

— « Senta-te ahi neste banco, camarada, enquanto o jantar não vem. »

O desconhecido sentou-se cabisbaixo, sem dizer palavra, sem nem siquer erguer os olhos.

Então Catarina zangou-se, não podendo mais conter a sua indignação.

Debalde o esposo explicou-lhe que não fizera as compras por não haver recebido dinheiro.

Quiz contar-lhe de que modo encontrára o companheiro, porém ella não deixou, interrompendo-o, a falar, a resmungar, a desesperar-se.

Durante algum tempo levou assim, a arreliar-se com o marido.

Tendo, entretanto, olhado para o rapaz, socégou no mesmo instante.

O sapateiro pôde narrar, então, em que condições achára o desconhecido; e querendo Catarina zangar-se de novo, elle perguntou-lhe :

— « Não crês em Deus, mulher? »

Ouvindo aquella pergunta, Catarina olhou segunda vez para o desconhecido.

Acalmou-se de todo : o seu coração bateu; deixou de resmungar, e foi pôr a comida na mesa.

Nicolau e seu hospede sentaram-se e principiaram a comer.

A velha sorria-se e vendo-os jantar, sentiu-se tocada de arrependimento, começando a ter compaixão do desgraçado moço.

Elle, por sua vez, até então pensativo, cabisbaixo, triste, como que oprimido por uma grande aflicção moral, alegrou-se, e olhando para Catarina sorriu.

Terminado o jantar, a mulher do sapateiro poz-se a interrogar o hospede :

— « Quem és tu ? Donde vens ? »

— « Não sou d'aqui. »

— « Porque motivo estavas deitado no caminho ? »

— « Não me é permitido dizel-o. »

— « Quem foi que te despojou do que tinhas ? »

— « Ninguem. Foi Deus quem me castigou ». »

Catarina levantou-se, apanhou uma camisa que estava remendando, e umas calças que encontrou, e deu tudo ao desconhecido.

Já era tarde e foram deitar-se.





#### IV



ELA manhã cedo, quando todos acordaram, Nicolau foi ter com o seu companheiro da véspera :

— « Ouve, camarada: para que possas sustentar-te e vestir-te, é preciso que trabalhes. Que sabes fazer? »

— « Nada, » respondeu o rapaz. O sapateiro admirou-se, mas proseguiu :

— « Não importa. Com um pouco de boa vontade a gente póde aprender tudo. »



— « Os homens trabalham, eu trabalharei. »

— « Como te chamas ? »

— « Micael. »

— « Bem, Micael, não queres dizer cousa alguma a teu respeito. Nada tenho com isso. Mas, como è necessario que ganhes o que comer, ensinar-te-ei a trabalhar. »

— « Aprenderei. Mostra-me como se faz. »

Nicolau ensinou Micael, que aprendia com extraordinaria facilidade, executando immediatamente tudo quanto via fazer.

Tornou-se em pouco tempo excelente official de sapateiro, como si sua profissão houvesse sido sempre aquella.

Sentava-se a trabalhar todo o santo dia ; comia pouco ; quasi nada conversava ; nunca se distrahia, olhando para fóra ; e, quando não tinha serviço, deixava-se ficar no seu

banquinho, silencioso, quieto, com os olhos erguidos para o ceu.

Uma unica vez viram-n'ò sorrir: foi na noite em que chegou, quando Catariua lhe serviu de comer.





V



IA por dia, semana por semana, um ano se passou.

Micael continuava a viver na choupana de Nicolau, sem nunca deixar de trabalhar.

Adquirira extraordinaria reputação por aqueles arredores, e a sua fama de bom operario corria de boca em boca, imensamente elogiado por toda a gente.

E era tamanha a sua nomeada, que de muitas leguas em torno vinham freguezes : por isso a sapataria de Nicolau cada vez prosperava mais.

Chegara o inverno.

O sapateiro e Micael estavam um dia a trabalhar, quando, em frente á miseravel cazinha em que residiam, parou luxuosa carruagem puxada por uma parelha de grandes e formosos cavalos.

Um laçao saltou da boléa ao chão, e abriu a portinhola.

Desceu do carro um fidalgo ricamente vestido, que entrou na choupana com ar arrogante e soberbo.

Catarina, ao avistar o visitante, apressou-se em escancarar a porta, de par em par, para lhe dar livre passagem.

Nicolau levantou-se da sua tripeça, e inclinou-se o mais que pode, em signal de

respeito, olhando com admiração para o fidalgo.

Jamais vira uma criatura assim.

Na sua casa, onde todos eram magros, fracos, raquiticos, aquele homem parecia vir de outro mundo muito diferente.

Era um homenzarrão alto, gordo, corado, forte como um touro, parecendo vender saúde.

O fidalgo sentou-se, e perguntou :

— « Qual é ahí o mestre sapateiro ? »

Nicolau aproximou-se :

— « Sou eu, meu senhor, um criado de v. ex. »

O freguez chamou o lacaio :

— « Olá, rapaz ! mostra este couro. »

O criado chegou-se para o sapateiro, e desenrolou um embrulho que trazia debaixo do braço.

— « Estás vendo este couro? » interrogou o fidalgo. « Sabes de que qualidade é? »

— « De excelente qualidade », respondeu Nicolau.

— « De excelente qualidade só, estúpido?! Fica sabendo que é o melhor couro que ha no mundo inteiro, como nunca viste, nem mesmo em sonhos! »

— « Acredito, meu senhor, » disse Nicolau com toda a humildade. « Nunca imaginei que houvesse couro desta qualidade. »

— « Bem, » continuou o poderoso senhor, « ouve com atenção o que te vou dizer. Quero que me faças um par de botinas tão bem feitas, que durem um ano, não se descozendo, nem ficando acalcanhadas. Si pudéres fazel-as, muito bem; do contrario, não estragues o couro. Mas, olha lá: si as botas se descoserem ou alcacanharem antes de um ano, meter-te-ei na cadeia. »

Nicolau estava aterrado, não sabia que responder.

Consultou Micael, em voz baixa, si devia ou não aceitar a incumbencia, e o official disse que sim.

Nessa occasião o fidalgo fez reparo no moço e perguntou quem era.

— « E' meu companheiro de officio, » respondeu o mestre sapateiro.

— « Pois toma cuidado quando fôres coser as botinas. Olha que devem durar um ano. »

Micael, porém, não lhe prestava atenção.

Parecia olhar para alguma cousa invisivel que se achasse por traz do freguez. Contemplava fixamente... contemplava...

De subito, o seu rosto ficou radiante, como que iluminado.

E sorriu.

— « Eh ! pateta ! «disse o fidalgo.» Porque estás com os dentes á mostra e não ouves o que te digo ? Quando ficarão prontas as botinas ? »

— « Ficarão prontas no dia em que forem precisas. »

O fidalgo levantou-se, saiu da choupana e subiu para o carro, que partiu a galope.

Quando desapareceu, Nicolau disse :

— « Eis ahi um homem cheio de vida e saude. Ha de nos enterrar a todos... »

— « Como não será assim, com a vida que ha de levar ! Com uma pessoa destas, nem mesmo a Morte póde ! » disse Catarina.







## VI



NTÃO Nicolau disse a Micael :

— « Vamos trabalhar, rapaz. Queira Deus que esta obra não nos dê incomodos.

O fidalgo é um homem zangado e tem muita importancia. Pó de fazer-nos algum mal.»

Micael obedeceu.

Apanhando o couro, estendeu-o sobre a mesa, e pegou na faca para cortal-o.

Catarina, que estava habituada a vêr o marido fazer toda a especie de calçado, foi assistir ao trabalho do hospede.

Assim que o official começou a talhar o couro, ficou admiradissima, porque não era daquela forma que o esposo costumava principiar.

Entretanto, não fez a mais ligeira observação, porque sabia que o moço era habilissimo, talvez julgando que as botinas para os fidalgos não fossem feitas como as das outras pessoas.

Micael trabalhou até a hora de jantar, tendo feito, em vez de um par de botinas, duas meias de couro.

Quando Nicolau viu o trabalho, poz as mãos na cabeça, e exclamou :

— « Como foi, Micael, que te enganaste desta fórma? Ha um ano que vives com-nosco, e nunca nos dêste o menor motivo de

queixa. Que heide fazer agora, para que o fidalgo não se zangue? Onde encontrar couro dessa qualidade? »

Mal acabou elle de falar, bateram á porta.

Era o lacaio, que tinha vindo pela manhã, em companhia do fidalgo.

— « Minha ama mandou dizer que não precisa mais fazer as botinas. »

— « Porque? » interrogou o sapateiro espantado.

— « Porque meu amo morreu. Saiu daqui vivo e são, como todos viram, e ao chegar á casa estava morto. Foi preciso que o tirassem do carro, já hirto e frio. Por isso minha ama mandou encomendar, em vez das botinas, um par de meias de couro, para enterrar com ellas o fidalgo. » (\*)

---

(\*) Na Russia é costume enterrar os mortos com meias de couro, em vez de botinas.

Micael embrulhou as meias que já havia  
aprontado e o resto do couro, e entregou  
tudo ao criado.





## VII



DECORRERAM mais cinco anos.

Já havia seis que Micael estava em casa de Nicolau, e durante esse tempo seguia a mesma vida de sempre: falava pouco; trabalhava muito; nunca sahia, nem mesmo chegava á janela ou olhava para fóra.

Só duas vezes havia sorrido: quando Catarina lhe deu de comer, na noite em que chegou; e a segunda quando o fi-

dalgo foi encomendar as botinas que lhe deviam durar um ano.

Um dia a familia do sapateiro estava reunida na unica sala da choupana.

Elle e o official trabalhavam. Catarina arrumava a casa e cuidava do almoço. As crianças brincavam.

De repente uma dellas exclamou:

— «Lá vem uma fregueza com duas filhinhas: uma é coxa.»

Ouvindo a criança falar, Micael, que jamais olhava para fóra, deixou o trabalho e foi para a janela. Debruçou-se muito e ficou a vêr as meninas que se aproximavam em companhia de uma senhora.

Entraram.

A mulher vinha encomendar sapatinhos para as crianças, e o official tomou a medida. Não cessava de contemplal-as.

Na verdade as menininhas eram lindissimas, e estavam vestidas com aceio, embora sem luxo.

— « Coitadita! » exclamou Micael. « Como foi que esta ficou aleijadinha? Nasceu assim? »

— « Não senhor: foi a mãe della. »

— « Então não são suas filhas? »

— « Não são. »

— « No emtanto, a senhora parece estimal-as muitissimo, » disse Catarina, metendo-se na conversa.

— « Como não heide estimal-as, » disse a fregueza, « si as criei desde pequeninas, e as amamentei com meu proprio leite! »





## VIII



mulher contou a historia das  
duas criancinhas, ■

Eram orfãs e tinham seis  
anos de idade.

O pai, rachador de lenha,  
morrera esmagado por uma ar-  
vore, no mesmo dia em que ellas  
havião nascido.

Dois dias depois morria a mãe.

As duas gemeasinhãs ficaram sós  
no mundo, porque os pais eram pobres, e  
não tinham parentes.



Quando se soube que a infeliz havia falecido, os camponeses foram á casa da morta.

Ahi encontraram as recém-nascidas a chorar de fome, por cima do cadaver.

Uma dellas estava com a perninha partida, porque a mãe, ao expirar, caira sobre ella.

Uma mulher, chamada Maria, tomou conta das pequeninas orfãs, porque tinha apenas um filho que ainda mamava.

Esse filhinho morreu no ano seguinte ; e ella ficou sosinha com as gêmeas, que tratava e queria com amor de mãe.

Deus recompensou-a e ao marido : tudo prosperou em casa, e todos viveram felizes.

Quando Maria acabou de contar a historia, Catarina disse suspirando :

— « Vê-se bem que o proverbio não mente : *Vive-se sem pai e sem mãe, mas não se vive sem Deus !.* »

=====

A fregueza, tendo encomendado as botinas para as suas filhas adotivas, levantou-se e saiu.





IX

**M**ICAEL ergueu-se, então, da tripeça, largou a obra que tinha em mãos, despiu o avental, e inclinando-se diante de Nicolau e Catarina falou :

— « Meus amigos, perdoem-me, porque Deus também já me perdoou. »

E o sapateiro e sua mulher viram uma grande luz que se irradiava de Micael.

Baixaram a cabeça e o mestre disse :

— « Eu bem sabia, Micael, que não eras um homem como nós. Nunca te fiz pergunta alguma, e nada quero saber. Desejo apenas que me respondas uma cousa : Porque razão viveste em nossa casa esses seis anos, sempre tristonho e pensativo, e apenas sorriste tres vezes : — a primeira, quando minha mulher te deu de comer — a segunda, quando o fidalgo encomendou o par de botinas que deviam durar um ano — a terceira, finalmente, ha pouco, quando a fregueza chegou com as duas filhinhas ? »

— « Eu só me alegrei, » respondeu Micael, « depois que Deus me perdoou. Sorri tres vezes, porque me era preciso ouvir tres palavras de Deus, e foi nessas occasiões que as ouvi. »

— « Dize-me, Micael, » proseguiu Nicolau, « porque foi que Deus te castigou ? »

— « Deus castigou-me por eu lhe ter desobedecido. Eu era um Anjo do Céu, e o Senhor mandou-me buscar a Alma de uma mulher. Voei para a Terra, e vi-a enferma, deitada na cama, com duas filhinhas nascidas dois dias antes. A mãe, vendo-me, compreendeu que a sua hora era chegada. Então, pediu, rogou, suplicou que esperasse algum tempo mais, ao menos enquanto amamentava as pobres criaturinhas que iam ficar ao desamparo. Narrou-me a sua historia — a mesma que Maria acabou de contar. Tive pena da infeliz mãe. Voltei para junto de Deus, que me ordenou : Vai, traze a Alma da mulher, e aprende tres cousas : *o que ha no coração dos homens; o que não é dado aos homens; o que faz viver os homens.* Quando as souberes, regressa ao Céu. »

---



X

**S**ABENDO quem era Micael, que por tanto tempo tinham hospedado, o sapateiro e sua mulher choravam de alegria.

O anjo proseguiu :

— « Caindo sobre a Terra fui parar junto da capela onde Nicolau me encontrou. Quando elle me vestiu e me trouxe em sua companhia; quando Catarina me deu de comer, ouvi a primeira palavra divina. *O que ha no co-*

*ração dos homens é o amor... No dia em que o fidalgo, são, forte, aparentemente cheio de vida, veio encomendar as botinas que deviam durar um ano, enquanto falava, vi por trás d'elle meu camarada, o Anjo da Morte, e ouvi a segunda palavra divina. O que não é dado aos homens, é saber o que lhes é necessario para seu corpo... Ao vêr as orfásinhas, que julguei abandonadas, entregues aos cuidados e carinhos maternos de uma extranha, ouvi a terceira palavra divina. O que faz viver os homens é Deus...»*

E o Anjo appareceu na choupana sob a sua fórma celestial, com as azas brancas desdobradas, fulgentes de luz divina.

Nicolau e Catarina ajoelharam-se, e Micael voou para o Céu.

FIM

QUARESMA & C. — Livreiros-Editores

# BIBLIOTECA INFANTIL

DEDICADA ESPECIALMENTE AS CRIANÇAS

DIRIGIDA PELO PRÓPRIO AUTOR

## Figueiredo Pimentel

Já se acham publicados e estão á venda os seguintes volumes desta interessante e utilíssima coleção:

**OS MEUS BRINQUEDOS** — o melhor e mais encantador livro para crianças que existe em lingua portugueza, unico no seu genero. Contem inumeras canções para adormecer ao berço; brincadeiras e divertimentos para todas as idades; jogos de prendas e sentenças; e peças proprias para serem representadas por meninos e meninas, em casa, nos collegios e em teatrinhos particulares: tudo acompanhado de centenas de gravuras explicativas..... 4\$000

**TEATRINHO INFANTIL** — esplendida coleção de monologos, dialogos, scenas-comicas, dramas, comedias, operetas, etc. (em prosa e verso), proprias para serem representadas por crianças, dispensando-se de despesas com scenarios, vestimentas e caracterisação..... 5\$000

**ALBUM DAS CRIANÇAS** — excelente obra encerrando multissimas poesias dos mais celebres e modernos autores, destinadas á infancia, proprias para serem recitadas em salas, nos collegios, em teatros, etc. ensinando as crianças a declamar e se desembaraçar..... 4\$000

**O CASTIGO DE UM ANJO** — delicioso e moralissimo conto original do grande escriptor Leon Tolstoi, comovente e sentimental, baseado na maxima christã: *Amareis uns aos outros*, obra divina, piedosa e cheia de virtude..... 2\$000

**CONTOS DA CAROCHINHA** — com 61 contos..... 4\$000

**HISTORIAS DO ARCO DA VELHA** — com 60 contos..... 4\$000

**HISTORIAS DA AVOSINHA** — com 50 contos..... 4\$000

**HISTORIAS DA BARATINHA** — com 70 contos..... 4\$000

Estes quatro ultimos livros contêm esses contos que todos nós ouvimos em pequeninos, contados por nossas mães, velhas avósinhas, tias, madrinhas, amas, etc. etc., contos popularissimos, moraes e piedosos, que sabem as crianças todas de todos os paizes. São narrações de fantasia onde ha fadas, lobishomem, genios misteriosos, animaes falantes, bruxas, feiticeiros e encantamentos, mas em lingua com simples, incutindo sempre a idéa do bem e da virtude.

Cada livro fórma um grosso volume de 320 a 400 paginas, com milhares de v. he-tas e gravuras, impresso em papel de boa qualidade, tipo novo e letras de tantissima encardernado, e sempre com a mesma capa litografada a cores.

Este aviso torna-se indispensavel, devido ás imitações que se têm feito da nossa coleção para crianças. Assim, peça-se sempre a Biblioteca Infantil, tendo-se o maximo cuidado na capa.

LIVRARIA DO POVO — Rua de S. José, 65 e 67